

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Terceira Temporada Episódio 18 – Fake

Transcrição: Fernanda Andrade (Unicamp), Irene do Planalto, Max Messias e Rai Almeida (UnB)

Revisão da transcrição: Irene Chemin, Rai Almeida e Soraya Fleischer (UnB)

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: “Ode ao Bozo”, Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa, para a primeira frase cantada da estrofe e, em seguida, acompanham a voz feminina num balanço de rock e ska. A guitarra faz o contratempo com a voz. Ao final da estrofe, a voz e os instrumentos cessam logo após um último acorde da guitarra.

“Esse cara é retrocesso

Ele não sabe de nada

Governa por decreto

Ainda banca de esperto e defende gente armada”

Soraya: Oi, gente. Eu sou a Soraya Fleischer, da Universidade de Brasília, e com a minha amiga Daniela Manica, da Universidade Estadual de Campinas, produzimos o Mundaréu. O Mundaréu é um podcast de Antropologia, publicado mensalmente e produzido em parceria por essas duas universidades. Esse é o nosso quarto episódio desta terceira temporada. Nesse ano eleitoral, a nossa aposta é produzir episódios com argumentos, histórias e muita força para a gente poder fortalecer a comunidade antropológica e todas as comunidades com quem convivemos e aprendemos.

[Melodia rápida e aventureira da guitarra]

Soraya: No século passado, quando eu tava crescendo, de vez em quando circulava uma informação esquisita. Alguém me cochichava uma história na sala de aula, ou então a minha mãe, numa ligação telefônica, ouvia uma novidade de alguém da família, meu pai lia algo no jornal. No dia seguinte, a sala de aula já tinha virado aquela história para outro rumo; a parenta tinha ligado de volta para corrigir o que tinha contado; o jornal tinha publicado uma errata. A informação podia seguir firme e forte ou podia não mais se sustentar e perder fôlego. Usávamos palavras como fofoca, rumor, boato e, às vezes, até mentira.

No século XXI, a gente continua cochichando pelos cantos, falando pelos cotovelos no telefone ou no aplicativo e lendo mídias cada vez mais variadas. Mas hoje tem um termo mais frequente do que todos os outros: “fake”. Informação e desinformação, qual é o limite entre essas duas coisas? Quais são as consequências quando esse limite é ultrapassado? O pessoal do Jornalismo, o pessoal dos estudos de Comunicação e até os Parlamentos têm estado bem preocupados com tudo isso. Definição do que é fake, tentativas de regulamentar, estratégias de punição têm sido pensadas.

Neste episódio, a gente vai dar uma contribuição da Antropologia para esse debate. Vamos conhecer histórias de fake news, como chegaram, como circularam e como afetaram as pessoas envolvidas. Na primeira parte do episódio, a gente começa por uma escala local - um bairro no Rio de Janeiro. Na segunda parte, a gente passa para uma escala mais ampla – o país inteiro. E Maria Eduarda e Carol Parreiras serão as nossas convidadas.

Maria: Meu nome é Maria Eduarda, eu sou moradora da comunidade de, do Triângulo em Deodoro.

Carol: Oi gente, eu sou Carol Parreiras, né? Sou antropóloga...

Maria Eduarda: Eu tenho dezenove anos. Atualmente eu sou uma MEI, uma microempreendedora.

Carol: É, atualmente pesquisadora de pós-doutorado do Departamento de Antropologia da UNICAMP.

Maria Eduarda: Eu atualmente estou terminando um curso de vendas e sucesso com clientes, pra ingressar no mercado de trabalho.

Carol: E, é... eu trabalho já há alguns anos, né, com questões de violência e atualmente desigualdade digital em favelas do Rio de Janeiro, e eu conheci a Duda fazendo campo, né. Em uma, no lugar onde ela mora, né? Que a, faz parte do chamado Complexo do Muquiço, né, na região Oeste, Noroeste do Rio de Janeiro. E a gente se conheceu então nesse contexto de pesquisa de campo.

PARTE 1: Fake na comunidade – escala micro

Música de transição: Guitarra toca um ska lento, acompanhada de bateria. A trilha segue ao fundo da pergunta de Soraya.

Soraya: Maria Eduarda, aliás, Duda, você teria uma história de fake para nos contar? Talvez alguma história, é, recente assim, que você tenha vivido durante esse tempo de pandemia?

Maria Eduarda: E em relação a essa pandemia, eu acho que todo mundo sem dinheiro, eu.. eu sei porque eu também [risonha] entrei em um desses links que falavam que ia dar uma ajuda de gás, eu fiquei toda bobinha quando falou que o meu nome estava lá sorteado e eu mandei pra todo mundo no meu WhatsApp, aí depois eu fui pesquisar no Google e tava lá falando que era fake, eu tinha colocado meu CPF, fiquei desesperada. E esse é um outro problema, que é um link que pega seus dados, você não sabe o que acontece, você compartilha com, com pessoas, você coloca em grupo e todo mundo faz e todo mundo coloca lá e fica todo mundo naquela onda. Sabe?

Carol: É, a internet inaugura um novo tipo de fake - porque eu acho que tem estatutos diferentes desse fake né? A gente está falando de algo que é muito danoso, que é pernicioso, que são as

fake news. Duda acabou de dar alguns exemplos aí. Eu acho, assim, da maior crueldade, né, você criar um link e compartilhar isso só vai rodar também... De novo, é conteúdo, o conteúdo, ele é sempre, ele é especializado mesmo, ele chega onde, onde ele foi feito pra chegar, né? Cada vez mais, é, é... com precisão mesmo, de você fazer alguém se cadastrar, esses dados provavelmente já caíram em algum lugar, sem dúvida. Ela tem razão, eu também ficaria preocupada em relação ao meu CPF. Mas isso, ela contou o caso dela aqui, mas eu, eu também presenciei milhares, né? Eu me lembro, por exemplo, um dos que mais tinham, era uma suposta doação de água da Nestlé. E olha como você cria: a Nestlé tem de fato uma água, que é da Nestlé, uma água específica, é essa água que aparece na imagem, essa água que está sendo propagandeada ali. Você vai, você cadastra, você coloca o seu endereço, você dá todos os seus dados, que provavelmente foram capturados todos, né? E você nunca vai receber nada. O problema é que até, até isso acontecer, e olha aí como a gente tem essa manipulação da coisa, né? Você cria uma aura de realidade em torno disso. Por isso que é tão complicado, né? E os estudos, por exemplo, mais recentes sobre fake news, eles vão mostrar exatamente isso, o quanto é bem manipulado. É você pegar um certo repertório e trabalhar em cima dele pra criar uma ideia de verdade. De que aquilo é verossímil, de que alguém pode acreditar naquilo, né?

Maria Eduarda: E cara, tu ganhar um gás, sabe? Na pandemia, que o gás está custando uns cem reais aqui onde eu moro... É um presente de Deus, sabe? Quem não vai querer? Eu vou colocar meus dados sim, porque se eu for presenteada eu vou ficar muito feliz. Como eu fiquei e compartilhei. O problema é quanto tempo você demora pra saber que aquilo é mentira e tentar reverter aquilo que você fez. Aí já é tarde demais.

Carol: Tem uma máxima, né, que sempre se repete, é, quando a gente vai pensar em segurança digital, por exemplo, que é: cuidado com o que você vai compartilhar, o que você vai postar, porque depois tirar esse conteúdo é quase impossível. Isso vale pras fake news também. Por que que é tão difícil, né, da gente combater fake news? Claro que a gente vai criando algumas estratégias.

Maria Eduarda: Sabe? Agora no meu curso eu aprendi muito sobre como saber quando é uma fake news e não é uma fake news? Quando, onde pesquisar sites que a gente pode buscar notícias que são realmente confiáveis. E eram coisas que na minha realidade eu não tinha acesso e eu cometi o mesmo erro [música: marcação de chocalhos com melodia calma de violão dedilhado] que todo mundo comete: eu vejo uma notícia, eu leio uma notícia, a notícia chegou até mim, então é verdadeira, eu não vou me preocupar em pesquisar... Até porque eu vou gastar minha internet entrando no Google, é mais fácil encaminhar pro meu WhatsApp. Aí eu mando pra minha tia, eu mando pra minha mãe, eu mando pros meus amigos, porque se eu acreditei, por quê que eles não vão acreditar? E o que que tem de mentira ali pra eu não acreditar? E não me preocupei em ler, em pesquisar se era verdade, eu me baseei no que eu via. Então, é algo comum. E é algo constante pra você não saber o que é fake e o que não é.

Carol: Que a Duda falou algo que é... essa checagem, às vezes, ela de fato vai exigir que você procure outros sites e outras coisas, que em termos técnicos a gente chamaria de letramento digital, que é esse domínio da ferramenta, de ir atrás de, da informação. Eu fico pensando essas ferramentas de *fact checking*, né, assim? Mas você tem hoje checagem de fatos de tudo, e eu aí volto a dizer: eu acho que a desigualdade está no letramento aí... Porque é nem saber que existe, é, essa ferramenta que você pode utilizar, e a Duda sabe que existe isso porque ela fez um curso, e é um curso que de fato, é, a ideia é, é que você, né, aprenda muitas coisas sobre a vida e que te sejam úteis na sua futura profissão, é, e que eu acho que a maioria ali não tem esse acesso. Pelo menos pensando, assim, na pesquisa. Mas eu diria que tem uma outra coisa, que foi o que acabou de me ocorrer, que é, e ela mencionou isso: "eu vou gastar o meu plano de dados". A gente está lidando com contextos de precariedade, né, de precariedade material. Então, é, eu

tenho um plano que funciona no meu celular, que se os meus créditos acabaram porque eu coloquei dez reais, por exemplo, porque foi o que deu pra colocar, o meu WhatsApp continua funcionando e o meu Facebook, porque todas as operadoras hoje, vocês podem... a gente pode procurar todas aqui agora, elas vão vender um plano pré-pago, em que minimamente o WhatsApp vai tá liberado, né? Em algumas o WhatsApp e o Facebook. Então, você continua acessando aquilo, mas chega um momento que é só o que você vai ter como acessar.

Maria Eduarda: Eu acho que quando é principalmente a informação pelo WhatsApp, fica algo mais confiável, porque você não tem um desconhecido salvo no teu contato, entende? Então, é muito mais fácil eu acreditar no que você está me mandando, porque eu não vou desconfiar que tu vai estar me mandando uma notícia fake, um jogo fake que não dá dinheiro sabe... um auxílio, que não existe, pra ganhar meus dados. Então se torna algo muito mais fácil e eu também acho que é uma das formas que a notícia mais circula. Porque é isso. É uma plataforma que você entende que é confiável, sabe? Eu entendo que eu posso colocar tudo ali pros meus contatos que eu vou tá [música: marcação de chocalhos com melodia calma de violão dedilhado] passando uma informação verdadeira pra eles, sabe?

Carol: E que vem com toda uma máquina, me parece, a gente sabe disso, não é à toa, por exemplo, que a Duda e aí eu acho que, o que, a própria estrutura de rede, que é o que me interessa mais, né, ela ajuda a explicar isso: não é à toa que a Duda recebia determinadas coisas que eu nunca recebi. Ou que eu tinha relatos em campo, e eu me lembro, é, nitidamente de uma das, das minhas interlocutoras me mostrar o celular, com a mensagem que ela tinha recebido, era uma rede da igreja. [música: marcação de chocalhos com melodia calma de violão dedilhado]

Maria Eduarda: É algo comum, sim, de circular nas igrejas, de circular principalmente na rua e mais ainda no Facebook. Todas as redes... Principalmente no Facebook que é o mais constante... e é o que a gente se baseia achando que por estar lá é real. Por mais que você mostre tudo o que condiz, eles não acreditam. Sabe? Eles têm um pensamento daqui. Eu não sei se é um pensamento nosso porque a gente já se sente excluído da sociedade, sabe? Sente que a sociedade não pensa na gente. Então é mais fácil acreditar no que a comunidade gera, porque a comunidade traz algo verdadeiro, sabe? É, aqui na minha comunidade a gente tem um grupo no Facebook que fala só do que acontece aqui. Então, a gente é movido por aquilo ali, sabe? É todas as notícias jogada ali, a gente vai lá, a gente lê, e aquilo ali não vai passar uma informação incorreta... aquilo ali é o nosso jornal do dia a dia, sabe? Então eu não vou acreditar no que o fulano tá querendo que eu faça porque 'não é verdade', eu não tenho aquilo na minha realidade, ele tá falando hoje, mas amanhã, depois de amanhã, eu vou ver a mesma coisa, então é mais fácil acreditar na mesma coisa. Então eu acho que é, a desinformação aqui é algo maior. Então faz com que as coisas circulem até mais rápido, sabe? Porque, numa comunidade, num lugar pequeno, mora inúmeras pessoas. Então a circulação passa muito mais rápido. É todo mundo conhecendo todo mundo, é todo mundo com o número de todo mundo. Então além de ter essa facilidade de "ah, o número dele tá no meu celular, eu confio nele, a informação é verdadeira" tem aquela parte de que você não tem aonde saber, sabe? Você não tem onde procurar, porque você não tem um acesso a internet... Hoje eu tenho Wi-Fi, mas a cada dez pessoas aqui, que a Carol fez uma pesquisa, uma pessoa tem um celular pra cinco pessoas utilizarem. Mas naquela casa todas as pessoas tem rede social. Entende? Então é algo bem maior.

Carol: E ela toca no outro ponto que é isso, né? Muitas vezes são redes, é, são dispositivos que você vai ter que compartilhar com todo mundo. Então às vezes vai chegar coisa em você que nem é sua exatamente, né? [música: marcação de chocalhos com melodia calma de violão dedilhado] Mas está ali. Mas está ali, né?

Soraya: Essa é a Daniela Manica, minha colega de Mundaréu.

Daniela Manica: É... perguntar se é só pelo celular que passa. Se não tem televisão, não tem rádio, não tem jornal, não tem outras formas que, que competem com isso? Isso tem a ver com a crise do jornalismo, com a crise da informação... Porque o jornalismo era pra ser, né, esse lugar no qual a informação confiável vai circular. Ou a informação de fofoca circula também que você sabe, que pode ser verdade ou não, mas tinha uma centralização maior dessa informação né? Que dava um pouquinho mais de segurança.

Maria Eduarda: Então, a televisão hoje em dia não virou um meio tão grande de trazer a informação fake muito, pelo contrário, né? Quando as pessoas entram pelo menos é pra assistir um jornal, sabe? E o boca a boca aqui também é muito comum, é muito constante, você tá no ponto de ônibus e compartilhar o que você leu... E além disso, eu acho que algo que muito traz a pessoa a, a... muito traz a pessoa se ligar aquela informação era... é aquelas manchetes de texto curto sabe? Que faz você abrir aquilo mas não tem interesse de ler aquilo tudo, se contentar só com o que está escrito no título sabe? Então isso é o que mais acontece.

Carol: No Brasil a gente tem uma palavra pra isso: "ihh... lá vem textão!", né? Não é à toa. O textão é isso! É você tentando explicar ou refletir sobre algo. Mas não é todo mundo que vai ler. Por isso, por exemplo, que o meme é bom, porque ele é uma imagem, ele já comunicou ali o que ele precisa. Não precisa de... nem legenda às vezes. Porque a Duda falou dos memes né? O quanto é uma linguagem comunicativa. Ao mesmo tempo que tem o humor e que é fantástico. Eu acho meme uma coisa fenomenal! Mas também pode ser usado pra outros fins... É isso, mas é uma linguagem que comunica muita coisa, né? [Música: batida de disco calma acompanhada de contrabaixo] Não preciso de muita explicação. Não precisa.

PARTE 2: Fake da vacina – grande escala

Soraya: Bom, Carol e Duda explicaram as muitas razões para receber e também para compartilhar links, campanhas, memes, manchetes de notícias. Por exemplo, necessidade imediata, ter recebido de alguém em que se confia, é... não ter vontade, tempo ou banda de internet para checar os fatos. Além disso, tem as características daquela imagem, então assim, a aura de verdade, a verossimilhança, ter vindo de uma pessoa próxima, um parente, alguém da igreja, alguém do trabalho, um vizinho... Com tudo isso, a gente nem desconfia da credibilidade daquela informação, né?

Daniela: É, nesse bloco, as nossas convidadas vão nos ajudar a entender o que acontece quando o assunto ganha uma dimensão maior, demográfica. O golpe do gás ou os joguinhos viciantes de pirâmide são perigosos, mas eles não se comparam a um cenário que cruza fake news, vacinas contra a Covid-19 e tempos de eleições para presidente. Como as informações chegaram no seu bairro, Duda?

Maria Eduarda: Então é um ciclo vicioso, sabe? A pessoa não busca a informação correta, e vai compartilhando... Pela necessidade e por estar perfeito também, e não desconfiar que pode ser mentira. A fake news, é, hoje em dia é algo muito constante no meu dia a dia, aqui na, aqui na comunidade principalmente. Não só pelo Facebook, mas no boca a boca.

Daniela: Duda, você falou do boca a boca, do ponto de ônibus... mas também falou de memes e de troca de memes pela internet. Como que a informação circula entre esse nível da rua e o da rede?

Maria Eduarda: É, nas ruas mesmo, o povo senta nas portas e um vai comentando com o outro, é... principalmente essa questão agora da vacinação. Tá sendo algo que muitas pessoas estão tentando mudar a opinião das que querem realmente vacinar seus filhos, sabe? E como tava colocando os pais contra a parede entre vacinar e não vacinar. E eles fizeram até uns memes, sabe? Colocavam a criança de verde pra falar que virou um jacaré, que é um dos memes que mais circulavam, que iam mudar o nosso DNA. Uma coisa que, sabe, não tem lógica, mas que muitas pessoas acreditam que realmente acontece, sabe? É, no outro dia eu tava passando na rua e eles tavam comentando que realmente não iam vacinar as crianças, “olha quanta criança tá morrendo, nós já é pobre, vai vacinar pra quê? Eles querem mais matar todo mundo.” Entende? E a pessoa acredita nisso, acha que isso é uma realidade. “O governo não se responsabiliza se uma criança morrer.” Como assim? Se é o governo que está aplicando, como ele não se responsabiliza? E a pessoa não se preocupa em buscar aquela informação, ela se, ela se acolhe naquela informação e tem aquilo como único. É, é porque é isso, as pessoas não se preocupam em buscar o que é verdadeiro... É mais fácil compartilhar o que já tá ali, sabe? E a outra questão de qualquer morte eles falavam que era por conta da vacina, [música: batida de disco calma acompanhada de contrabaixo] e era algo que estava fazendo a população se basear naquilo. Entende? Quando você recebe uma notícia no WhatsApp que uma criança morreu, “então não vacina no teu filho”, e você entra no Facebook e tem a mesma notícia, você entra no seu Twitter tem a mesma notícia, não tem como você desconfiar, você não vai vacinar seu filho, sabe? Você não vai colocar a vida do teu risco, porque “a gente já é pobre, a gente é negro, a gente é de periferia, eles querem mais que todo mundo morra e se morrer o que que vai fazer?” E é esse o pensamento, eu falo porque eu já escutei, aqui as pessoas falando isso, a minha mãe não induz esse pensamento mas muitas pessoas chegaram nela pra falar pra ela não vacinar os meus irmãos... E que bom que ela não acreditou, que bom que ela tem pessoas que possam mudar esse pensamento dela de alguma forma, mas que muitas pessoas não têm. E além disso, muitas pessoas não estão abertas pra receber uma informação verdadeira. Prefere acolher o falso porque pra ela é mais verdadeiro que tudo.

Daniela: E você, Carol, como viu circular as notícias fake da vacina?

Carol: E vai vir escrito assim, gente, ligado a pandemia e a vacina: “porque uma pesquisa do, é... sei lá qual College - inventava um nome em inglês pro College né? - sempre! É... provou com uma pesquisa com mil pessoas de diferentes idades, que X Y Z provado por A mais B e XYZ que, é, a vacina não adiantava. E que a vacina podia é...”, essa foi outra que também eu li muito: “a vacina podia provocar...” e de fato tem um efeito colateral, que é isso mesmo né, “que as pessoas estavam morrendo porque tiveram trombose” né, por causa da vacina, problema circulatório. Só que aí você cria essa aura de porque você tem que criar, de novo, né. Criar aura de verdade. Como é que você atesta a verdade em fato científico, por exemplo? Você apela pra essa suposta ciência. Eles são bem... eu não acho que é necessariamente, totalmente anticência, mas é uma ciência fake. É uma ideia de ciência que se cria também. Porque por exemplo, se eu vou usar o nome de um College ou de uma universidade, é, supostamente gringo ali de qualquer lugar do planeta, mas gringo, é porque eu estou dizendo: é isso que dá a veracidade pra isso aqui, [música: batida de disco calma acompanhada de contrabaixo] e você vai e propaga.

Soraya: Pra terminar, eu queria aproveitar que a Carol é uma estudiosa desse mundo todo da internet. Na sua opinião, Carol, o que que há de específico hoje em dia na forma como a gente se relaciona com esse enorme mundo digital?

Carol: Eu acho que quando a gente pensa na internet, o fake ele já existia, né? Não é algo que a internet cria. Mas a internet dá uma nova cara, dá uma nova roupagem pra isso tudo, que na minha interpretação, por tudo o que eu tenho de dados de campo, por tudo que eu li nesses anos, eu acho que tá muito ligado a escala que as, que as coisas ganham, né? Porque ela dá uma

escala inimaginável, é tudo muito rápido! E isso vai compartilhando e a gente não sabe onde vai chegar. Porque hoje, ao mesmo tempo que a internet permite essa é, uma... essa escala toda das fake news, você ser um anônimo, você manipular essa identidade, como a gente fazia lá na década de noventa, é cada vez mais difícil, porque a gente é rastreado e traqueado o tempo inteiro. E, mais por que que as fake news funciona também? Porque grande parte, a gente soube disso também graças as eleições, os disparos são feitos por máquinas. São algoritmos que estão funcionando. São máquinas chinesas com um chip que cê coloca lá dentro e ela sai disparando um monte de... a mesma notícia, né, a mesma mensagem ou a mensagem com pequenas mudanças. Então assim, tem um outro lado desse, o que eu estou tentando chamar atenção é: tem muitos lados desse fake, né? Então assim, pra mim ali, esse giro era o mais... o mais intrigante, né? E que claro, tem causas que estão além das fake news, me parece, como eu disse, acho que esse papel da igreja a gente não pode é fingir que ele não existe. Mas essa máquina que foi montada ela atuou muito fortemente e ela funcionou, né? E talvez aí é a parte que a gente deu de barato essa coisa toda, porque, é, e, eu acho que a gente está lidando, né, com um grau de, de sofisticação dessas fake news que, a ponto disso influenciar um processo político não só no Brasil, porque isso também aconteceu nos Estados Unidos, isso aconteceu em outros lugares do mundo, né? E muito ligado a esses, a esses regi... que a gente chama de regimes de extrema direita ou de direita e tudo mais. Então assim, eu acho que é isso que a gente tem que pensar um pouco.

Soraya: E das tantas redes sociais que a gente falou aqui e a gente falou muito de WhatsApp, né? O que que há de especial nessa mídia? Pra pensar a circulação de informações?

Carol: Mas você pode dizer que o WhatsApp é tão central assim? Sem dúvida! Eu não estou dizendo que ele diminui essa desigualdade digital que está ali, né? Pelo contrário. Eu acho que ele até exacerba em alguns pontos. Mas ele é uma forma de estar conectado, né? Hoje pelo WhatsApp gente... lá atrás isso até era um pouco diferente, mas hoje circula absolutamente tudo, né... Só pra dar um exemplo, né, olha com uma coisa intrincada no caso do WhatsApp no Brasil: não sei se vocês sabem mas o Brasil e a Índia são os dois países do mundo que são os teste pro Facebook que é o dono do WhatsApp pra transferência de dinheiro, por exemplo... Isso eu acho que nos diz a centralidade que o WhatsApp ganhou nas nossas vidas. A gente faz absolutamente tudo por ele. Tem um pesquisador que eu gosto muito, que inclusive é um grande amigo.

Soraya: Aqui a Carol tá se referindo ao pesquisador Edgar Gomes Cruz.

Carol: Ele chama o WhatsApp de uma tecnologia da vida, porque ele permite que a gente faça hoje absolutamente tudo. Claro que tem ganhos nisso, claro que é bom também. Mas eu acho que a gente tem aí um problema que é gigante nas mãos, né? Porque a gente está lidando com algo que tem um sigilo garantido e tem que ter mesmo, né? Porque são os nossos dados que estão circulando, mas ao mesmo tempo estão circulando uma série de coisas que a gente não tem controle. Nenhum. O que me faz concluir, eu concordo muito com a Duda, que é: tem todo um arcabouço aí - e que aí é muito difícil da gente entender mesmo - que faz com que acredite ou não em determinadas coisas. O que que essa pessoa está entendendo como determinadas coisas, né? É... e eu tinha falado isso pra você, né Soraya, quando você me convidou pra participar: é urgente que a gente discuta isso porque a gente está em 2022, é um ano eleitoral, e eu tendo achar - aí isso é uma opinião pessoal, vendo tudo isso - que a gente vai enfrentar algo pior ainda do que foi 2018, né? Então, é uma máquina que tá funcionando, ela não deixou de funcionar, né? Porque esse governo também operou na base dessas fakes.

Daniela: Eu gostei muito de ouvir vocês, várias questões interessantes. Um texto que eu li essa semana dum colega aqui do LABJOR, que é o Rafael, que ele compara o Telegram com o

WhatsApp e fala justamente dessa política que a Carol falou de, é, de gratuidade, né, do WhatsApp, dizendo o quanto o WhatsApp tem uma capilaridade que o Telegram nunca vai ter... Então que, enfim, eu faria só uma pergunta, eu acho que tem várias coisas, né, por exemplo essa questão da dúvida, né? Acho que na questão da vacina, principalmente, é... e da pandemia de forma geral, a gente viveu em tempo real na pandemia, um, uma coisa muito, é, difícil, né? Na qual a certeza ou a verdade era algo que tinha que se construir com o tempo. Do que mata e o que não mata, o que cura e o que não cura, o que fazer, o que funciona e o que não funciona... Então será que a máscara funciona? Será que o álcool gel [rinhosa] funciona, né? Isola, não isola, enfim, é, tudo muito... a gente viveu muito na dúvida. E, e acho que muito dessa questão, dessa crise da informação - que é o que a gente vive hoje em vários aspectos - tem a ver com alimentar a dúvida, né? Então, com relação a questão da vacinação eu acho que pra além de, assim, a gente aprendeu com o bolsonarismo que, que existem pessoas que realmente constroem mentiras pra ganhar politicamente. Como as mentiras foram sendo feitas pra que candidatos de esquerda perdessem e pra que a extrema direita ganhasse e ganhou, né? Com esse tipo de, é, artifício, né? Mentira mesmo. Mas, pra além da mentira, eu acho que também tem uma exploração da dúvida, né? Dessa, dessa, dessa ausência de certeza se faz bem ou se faz mal, né? E é acho que no caso da vacinação essa estratégia mesmo de, de, é... de manipular as opiniões... é se baseia muito numa certa dúvida, "será que não vai fazer mal pras crianças?", né?

FECHAMENTO

[Melodia eletrônica aguda de disco com batidas estridentes]

Soraya: Então, se no começo do episódio, a gente ficou numa escala bem local, dentro da comunidade, agora no segundo bloco, a gente foi ampliando a escala, da comunidade para o país, do país para o planeta. A fake corre rapidinho no zap, entre um parente e outro, do pastor pro membro da igreja, de um crush pra outro. Mas corre também ali, quando tá sentado na calçada batendo papo, ou quando tá esperando no ponto de ônibus, ou quando sobre de elevador dentro do trabalho. O pensamento da Duda e da Carol vai e volta, da comunidade pra internet, daquele microespaço pra aquele macroespaço, e tudo de volta. E, no final das contas, eu termino com a sensação de que a gente volta para o local, que as escalas se influenciam mutuamente, que os limites entre pequeno e grande se borram quando o assunto é a circulação de informações. E talvez esse seja o objetivo mesmo, embaralhar, confundir, criar novas formas de confiança entre as pessoas, ou maneiras de navegar pelas redes, né? Pelos diferentes círculos... Ao desmontar os mecanismos por trás da fake, a nossas convidadas deixaram um monte de dicas, de estratégias para a gente se proteger e também proteger os nossos. Não cair em lorota, não reproduzir mentira, não ajudar candidato enrolão em falcatura a se eleger.

Música de fechamento: "Ode ao Bozo", Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Bem baixinho, a música segue ao fundo da voz de Soraya com voz feminina num balanço de rock e ska. A guitarra faz o contratempo com a voz nas primeiras estrofes e depois se intensifica.

Soraya: Agradecemos demais à Carol e à Maria Eduarda por virem conversar conosco. No Mundaréu, Daniela Manica, minha parceira, e as estudantes da UnB e da Unicamp ajudaram a montaram esse episódio, Fernanda Andrade, Irene Chemin, Max Messias, Rai Almeida e Gabriel Marçal. Essa terceira temporada será embalada pela música da banda paraibana Gatunas e, a partir dessa música delas, o Lucas Carrasco, também da equipe do Mundaréu, tem feito trilhas personalizadas para cada episódio. Gente, um luxo, né? Na página do Mundaréu, vocês vão encontrar todos os materiais citados e os créditos completos: www.mundareu.laboratorio.unicamp.br. E nós estamos na Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de divulgação científica na área da Antropologia: www.radiokerekere.org. Um abraço bem, bem grande e seguimos na luta.

“Esse cara é retrocesso

Ele não sabe de nada

Governa por decreto

Ainda banca de esperto e defende gente armada

Despreza a diversidade

Grita e perde a noção

Quem tá como esse cara é ignorante ou não tem bom coração

ELE NÃO!

E quando fala de mulher

Aí o coiso esquentá e o buraco é mais embaixo

Mulher pra ele é frágil, serve à família, submissa

Marielle Franco: “A gente tem um senhor que tá defendendo a ditadura e falando alguma coisa contrária, é isso?! Não aturarei um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita”

Se cuida, se cuida, se cuida, seu machista, a América Latina vai ser toda feminista (4x)

A gente quer autonomia e não ser silenciada

A gente é luta e resistência ao governo bozo

A gente quer autonomia e não ser silenciada

A gente é luta e resistência ao governo bozo

A gente quer autonomia e não ser silenciada

A gente é luta e resistência a governo autoritário”